

229

Meio 11 -

229

**CARTA,**

QUE EM DEFESA

DOS

**BRASILEIROS**

INSULTADOS

ESCREVE

*SACHRISTÃO DE CARAHI*

O

*ESTUDANTE CONSTITUCIONAL,*

*AMIGO DO FILHO*

DO

*COMPADRE DO RIO DE JANEIRO.*



**RIO DE JANEIRO.**

**NA IMPRESSÃO NACIONAL.**

**1821.**



4172  
1950

AMIGO, E SENHOR.

**T**antas vezes me tem Vm. encommendado a pronta remessa dos papelinhos, que por aqui forem de novo apparecendo, que já ha muito lhe meeria eu ter enviado uma celebre carta escripta pelo Compadre de Lisboa ao de Felém, que nesta tem corrido, e em que o tal Senhor Compadre tomou por seu desfastio insultar a torto, e a direito o nosso Brazil, e seus habitantes. Mas não me arrependo da demora; por ter agora o gosto de mandar-lhe juntamente a Justa Retribuição, que lhe foi dada, e com que um amigo meu, e filho do Compadre do Rio de Janeiro fez sofrivelmente a barba ao autor da dita Cartinha. Vm. nas horas, que lhe ficão vagas do assiduo trabalho inseparavel da sua honorifica occupação, ahí lerá na fórma do seu louvavel costume em alta voz, perante meia duzia de amigos a Carta, e a sua competente Resposta; e verá que obrasinha a do rapaz! Não ha de deixar por certo de receber os costumados cumprimentos que em sinal de lisonjeira approvação prodigalizaó nos bons escriptos os delicados Censbres. Porém são coizas de Macacos! Miserias! Miserias!

Se me dirigisse a'outra qualquer pessoa, que Vm. não fosse, contentar-me-hia com a simples remessa dos referidos papeis sem interpôr de maneira alguma o meu juizo; mas como a nossa amizade não he de ceremonias, e eu não quero morrer embuchado: que tambem sei os meus dois dedos de Latim, e tenho apparecido nas aulas, como qualquer; não hesitarei em fazer nesta algumas Reflexoes, filhas sómen-

de do amor, que professo á minha Patria, e da justa indignação, que me causou a leitura da tal famigerada Carta. Perdoeme pois a sua esclarecida critica, se algumas vezes sahir, como lá dizem, fora do sério, scilicet, se passar rapidamente do jocoso ao sério combatendo com fundados argumentos ridiculas frioleiras, que parece, nenhuma refutação merecia. Tambem o meu intento na que lhe diji, não he de relutar plenamente as proposições, que avança o tal Senhor Compadre de Lisboa; o que já foi executado com todo o primor cá pelo amigo da Retribuição; mas sim mostrar ao meu amigo ~~Seu~~ ~~esta~~, quaes sejaõ na materia os meus sentimentos, e expor ~~me~~ ~~algumas~~ ~~ideias~~, que os dois mencionados folhetos me suscitáraõ. Alem d'isto, outro motivo mais me instigou a escrever-lhe esta meia duzia de linhas; porque achando-me eu em certa caza, donde se lia Carta, e Retribuição; um figuraõ, que alli presidia, e que pela parola, e *imposuit* arremedava a Doutor, começou a discurrir em tom magistral, apoiando com insulsos sarcasmos, e ridiculas notas o texto da Carta do sobredito mentissimo Sr. Confesso que se me excitou um tanto a bilis, e para que me não tivessem por mudõ alli sustentei da fórma, que pude, a causa do nosso insultado Brasil. Porém o que poderia eu conseguir, se o meu campeaõ era daquelles, que lhe daõ logo com o risinho sardonico, e com o costumado: *terra de Macacos!... de bananas!.. etc.* Ainda electrizado com a questaõ vim para caza, e tornando de novo a ler com bastante repugnancia o tal libelloso, admirei os despropositos, as injustiças, os absurdos, em que fõraõ, e que tãobem desenvolveo, e desmascarou o meu amigo na sua Retribuição. E sem seguir passo a passo quanto diz o Senhor Compadre resolvi-me a fallar somente alguma coiza daquellas bellezas, que mais me cabiraõ no goto, examinando em primeiro lugar a razão, que o acompanha no seu principal objecto: De mostrar que a residencia do

Monarcha deve ser em Lisboa, e não no Brasil: proposição, a que o meu amigo com comedida moderação não quiz responder.

Diz pbis o Senhor Compadre depois de um longo ararazel, um que nada entendi: que quer ponderar as razões, que devem assistir a Sua Magestade para hir estabelecer a sua Corte antes em Lisboa, do que no Rio de Janeiro. Ao depois veremos se cumpre a palavra: e como, amigo Sachristão, se toca neste ponto tanto da sua paixão, permitta-me licença para que lhe tome um pouco de tempo com um quadrosinho, que conlha me quizer chamar, sobre o nosso Brasil; e seja em troço da elegante pintura que de Portugal nos dá o Senhor Compadre na sua elegantissima Carta. Aqui largando por um pouco a penna, coço a cabeça e scarro, e logo principio.

O Brasil, este vastissimo continente comprehendido entre os dois maiores rios do Universo, o Amazonas, e o Prata apresenta a *ninharia* de 1400 legoas de costa adornada de muitos, e excellentes portos. A magnificencia, e variedade das suas producções em todos os tres Reinos da Natureza, que não admite comparação com qualquer outro dos paizes conhecidos, devião por certo logo desde o seu descobrimento chamar sobre elle a attenção das Potencias Europeas, e com especialidade daquella, a quem coubera em sorte. Portugal porém esteve muitos annos inteiramente occupado com as suas conquistas das Indias Orientaes, que abrião ao nosso espirito guerreiro uma brilhante escola militar, donde colhessemos abundantes messes de gloria, e applicação ao nosso genio Commercial um povo civilizado, cuja avançada industria nos ministrava faceis proporções para um riquissimo trafico.

Era pois de esperar que as riquezas occultas de uma região na apparencia barbara, e agreste fossem muito tempo tidas em pouca consideração. Portugal, perdida a India

onde recebeu a troca da melhor da sua gente trophéos, gloriosas memorias, e nada mais, voltou as suas vistas para os esquecidos Descobrimentos da America. Desde então começaram a acudir de continuo a este paiz nascente aquelles, a quem a falta de fortuna, e o desejo de melhorá-la fazião emigrár da Europa: desde então o epitheto de Brasileiro, ou Mineiro, que vale o mesmo, começou a ser em Portugal o sinonimo de homem abastado. As maes embalvao os seus pequenos com as pinturas das grandezas do Brasil, e dos teres, que ahi facilmente se adquirião: o Brasil em uma palavra era alli olhado, ~~com~~ <sup>com</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~mesmo~~ <sup>mesmo</sup> ~~modo~~ <sup>modo</sup> ~~que~~ <sup>que</sup> ~~se~~ <sup>se</sup> ~~viu~~ <sup>viu</sup> ~~entre~~ <sup>entre</sup> os Hebreos a Terra da promissão. (He pena não ter escrt) naquella data o Senhor Compadre para tirar toda aquella pobre gente da illuzão, em que vivião!) Desde então Portugal sem fabricas, sem manufacturas se loqueitava da excessiva disparidade, que hia da sua limitada exportação á importação enorme, que fazia, com o oiro, e exclusivo commercio deste vasto continente: E a pèzar dos males procedidos de um systema tendente só a extraviar os seus productos, e a cortar, e arrancar pela raiz todos os ramos da industria mesmo a mais grosseira, este crescia desmedidamente, e caminhava com passos agigantados a exceder (até em população) a sua Mãe Patria. Os rapidos progressos desta immensa porção da Monarquia Lusitana não podião escapar ás vistas perspicazes do grande Marquez de Pombal, que dizem ter já ha 60 annos aconselhado a El-Rei D. José n'um momento de aperto a mudança da Sêde da Monarquia Portugueza para alguma das Cidades do Brasil. Que vasto campo á imaginação não apresenta só esta unica idéa! O Marquez de Pombal pondo em execução os seus extensos, e sublimes planos neste productivo, e immenso territorio!

O desejo do profundo Ministro se vio finalmente realiado pelo nosso Rei o Senhor D. João VI., que frustrou com esse passo decisivo os iniquos designios do usurpador Bonaparte.

Foi então o Brasil a taboa do refugio, aonde se salvarão os fo-agidos restos do Luso Estado. Nessa época toda a Europa assombrada vio levantar-se no Novo Mundo um novo Reino, que pôr sua riqueza natural, por sua immensa vastidão, e magnificas circumstancias locais seria um dia o objecto da sua inveja, e do seu ciuime. O Gabinete de Lisboa nada mais tinha sido que o brinco da politica das visinhas Potencias Europeas: o novo Reino apresentou (mesmo por sua localidade) um aspecto sobranceiro, e independente, que o tornou respeitavel. O Brasil em fim mereceu de toda a Europa muito maior consideração politica, do que Portugal jamais tivera. Bem longe estariam os illustrados Gabinetes Europeos de julgar que este mesmo Principe abandonando todas as vantagens, e recursos, que lhe subministrava a bella posição, em que situara a sua Côrte, interposto natural do commercio dos mares da Asia, da Africa, e Pacifico, volar-se outa vez a hir concentrar-se no limitado espaço, de que sahira! (São razoes de Estado!)

He este o lado, amigo Sachristão, (para entrarmos finalmente em materia) he este o lado, porque todos os Politicos, os mais consummados olharão tão delicado problema a este o lado, por que o encanou aquelle Estudante da universidade, cuja Memoria me parece ter-lhe já enviado, na qual com fortes argumentos elle estabelece a opinião diametralmente opposta á do Senhor Compadre, o que me dispensa de alongar-me mais neste artigo, que como lá diz o Proverbio, dava panno para mangas. Vejamos agora as solidas razoes, com que o tal Senhor destroe todas as que em favor do Brazil possam allegar-se. Solidas Razões! Nada: não Senhor, isso não he para elle. Verdade he que se o Senhor Compadre se dignasse de ler alguns dos Viajantes e Politicos, aonde se vêm decantadas as excellencias deste desgracadisimo paiz, quer se considere em si mesmo, quer em relações aos estranhos, talvez tivesse ao menos hesitado, ou mesmo

decidido o problema pela parte brasileira, e se acaso se não entende, ou não tem fé com os estrangeiros; recorre-se aos escriptos verídicos de dois sábios da Nação, o Bispo d'Elvas, e o naturalista de Lisboa, ou a Corografia do Padre Aires, Portuguez Europeo, e ali acharia traçada com as devidas cores a pintura dessa feliz região, que com tamanha injustiça, e não sei se diga, desdouramento, ultraja, e insulta. Ali veria o que he o Brasil: veria, que elle contém muitas Cidades e Villas populosas, commerciantes etc. etc. Ali veria que a hospitalidade [verdadeiramente Patriarchal], a generosidade, e muitas outras ~~qualidades~~ formao o característico de seus habitantes.

E se o tal Senhor Compadre quer perfeitamente conhecer a maneira civil, e obsequiosa, com que deve ser tratado o bioso Povo Brasileiro que abra, e lea os Diarios do Soberano Congresso Nacional; e nelles vera a justiça, que nos fazem os Illustres. Deputados nos seus patrióticos, e eloquentissimos Discursos. E depois disto, creio confessará que a terra dos Macacos não he indigna da descripção, que della fez o Redactor do Astro da Lusitania, e que tanto o escandalizou. E depois disto confessará que este grande paiz... grande paiz, disse eu! Nós vamos ver o que elle seja, segundo a oppinião do Senhor Compadre, n'uma das suas mais celebres asserções.

He uma de deitar por terra, e que não tem contra! A proposição he innegavel: não tem duvida nenhuma! O Brasil, diz elle afoladamente, he nada! Veção isto: He nada! De sorte que já nem tal Brasil existe: ja nao he nada: será quando muito algum vão phantasma sem realidade!

Sim, Senhor Compadre, o Brasil he nada: e já era nada no tempo das guerras da Acclamação, quando sacudido denodadamente o jugo da Hollanda, e a despeito de todas as forças daquelles formidaveis Republicanos se sustentou fiel na Patria; de quem nenhum soccorro recebia! Os Cain-



pós de Olinda ainda fumão do sangue dos Vieiras, dos Camarões, e Henriques Dias, que tão generosamente o derramão pela boa causa. O Brasil he nada, Senhor compadre, e esquivando tudo o mais, esta mesma Cidade, em que exirto, vio os Francezes commandados por Le Clerc desbaratados por um punhado de Estudantes (Eterna gloria de toda a Esciolastica progenie, que entao mostrarao isto lhes ser menos fiel a espada, do que a penna!) Pouco depois ella foi resgatada das mãos de Du Cay-Trouin com os bens dos seus honrados, e generosos Cidadãos! O Brasil he nada.... Porcu não, Senhor, não he isso. O Brasil he nada; mas he comparado a Portugal. Ah! isso agora he outra coisa! Com que o Brasil he nada a vista de Portugal? Como será feita esta comparação? Pelo Mappa? Por certo que não. Então como? Pelos seus recursos? Pela sua industria?

O Brasil contém materias primas de uma grandissima exportação: assucar, caffè, fumos, algodão, com que abastece toda a Europa, além do oiro, esse precioso metal, deque apenas somos os fieis depositarios: dos diamantes, do péo Brasil, (com que foi paga grande parte da divida, que a guerra de Portugal fizera contrahir com a Inglaterra); e mil outras diferentes drogas, e especiarias. E a respeito destas ultimas, só uma de suas Provincias, a do Pará, poderia facilmente rivalizar com as mesmas Indias Orientaes. As de S. Paulo, Minas Geraes, e Rio Grande do Sul, cujo clima he semelhante ao de Portugal, e a extensão dellas muito maior, produzem todos os fructos, e generos da Europa. E Portugal? Portugal he um fertil, e bellissimo paiz (não todo:) mas elle recebe de fóra ao menos para ametade do anno até o sustento de seus habitadores: e além dos Vinhos, nenhum outro genero de exportação apresenta, que avulte, e mereça maior consideração, e apreço. Isto, meu Amigo, não he querer deprimir Portugal: todos sabemos os immensos sacrificios, que fez no decurso de uma guerra as-

soladora: e os males, que teve a soffrer de um desgraçado systema de administração; e que estes motivos, e a perda do exclusivo commercio do Brasil o reduzirão, ao estado de anniquilamento, em que se achava, e de que com generosos esforços procura agora levantar-se. Nem duvidamos de que possa vir a cicatrizar suas feridas, que ainda vertem sangue, e que chegue mesmo a florescer com algum esplendor. Não poderá porém exceder jamais os estreitos limites que lhe impoz a Natureza, e as suas desvantajosas circumstancias, em meio de outros Estados, cuja industria se acha já tão avançada, e brilhante.

O Brasil offerece aos olhos do observador um mais agradável espectaculo: elle tem todas as proporções para um grande Imperio, extensão de territorio, salubridade de clima (sem embargo de tudo quanto diz o Senhor Compadre) e fertilidade de sólo. O Naturalista aqui encontra milhares de especies de quadrupedes, e de aves desconhecidas: o Botanico uma variedade infinita de diversas plantas, muitas dellas de grande uso na Medicina: o Mineralogico se espanta á vista das riquezas, que neste genero quiz prodigalizar com o Brasil a Mãe Natura, e lhe dá com justo titulo o nome de Paiz do Ouro! Nem se repute o que digo hyperbolicas amplificações, quando nada mais faço, do que copiar litteralmente as expressões de innumeraveis escriptores de reconhecida authoridade tanto Nacionaes, como estrangeiros, de cujos nomes me seria facil formar um extenso Catalogo, e de citações suas um dilatado volume.

Mas para que tem sido todo este aranzel; ae o homem só o que mede são povos. Ora ahí está como ellas se armanão! Como se falla sem tom, nem som! E tudo porque? Por falta de paciencia. Se eu tivesse concluido o periodo, logo veria que o Sr. Compadre não é medidor de terrenos mas sim de povos. Famoso invento para a Estatistica! Evita-se o trabalho, que exigem os calculos, ou reconhecimentos;

e não ha mais do que ter o incommodo de procurar o Sr. Compadre; pedir-lhe a vara, com que se medem povos, e está tudo concluido! Até nos tinha sido de bastante serventia para calcular o numero dos Deputados correspondentes á população de cada provincia, o que he nesta immensa extensão de tão difficil conhecimento. Mas deixando de parte os gracejos com tão respeitavel, e authorisada personagem: em 1.º lugar eu não sei que só o numero de habitantes influa na maior, ou menor representação politica; pois ha muitas outras causas concurrentes, como por ex. os fructos da industria; as produções naturaes etc. ; e em 2.º lugar não estou pelo que diz o Senhor Compadre, que Portugal exceda ao Brasil em população. Se elle por população entende unicamente gente branca; então concedo; mas se dá licença para que entre neste numero todo o vivente nacional; então nego. Portugal não conta 3 milhões de almas, e o Brasil vai muito além deste computo. Com que o tal Sr. medidor de povos bem pôde quebrar o covado, ou vara, de que se servio para a medição, e que se conhece agora ser de muito pouco prestimo.

Logo depois liberalmente nos concede o Senhor Compadre que o Brasil seja com effeito gigante: mas para que? Para mutilá-lo miseravelmente, cortando-lhe os braços, e as pernas, e reduzindo-o assim a tronco. Aqui perguntara eu ao tal Senhor quaes sejam os braços, e as pernas, que faltão ao gigante Brasil; que por mais que me ponha a parafuzar não me occorre a significação do tal gigante mutilado. V.m., que he dotado de maior agudeza, perspicacia, e sangue frio, do que este seu creado, e que pela communicação de Ecclesiasticos doutos, e profundos terá aprendido a decifrar figuras enigmaticas, talvez facilmente atine com a genuina intelligencia do tal tronco gigantesco, e nesse caso fará o obsequio de participar-m'o para minha cabal, e plena satisfação. Mas ha indubitavel, que se o tal gigante perder na amputa-

ção os braços, e as pernas, o Anatomico tinha por seus peccados perdido a cabeça.

A accusação, que elle faz ao nosso paiz de ardente, e pouco sadio, respondeo com tanto acerto, e erudição o nosso amigo, filho do Compadre do Rio, que na verdade não parece coisa de rapaz, e nada deixa a dezerjar. Assim não tenho mais que ponderar-lhe neste ponto, muito mais a Virg., que gozando da amenidade desse salutar, e arejado sitio, maior causa tem de dar por mentirosa semelhante imputação. O Brasil, como diz muito bem a tantas vezes citada obra, não está debaixo das influencias de um só clima: de suas provincias umas soffrem um intenso calor, outras menos; e outras finalmente sentem um Inverno tão rigoroso, como o de Portugal. E isto deixando de parte a questão de paizes frios, e paizes quentes, e de quaes sejam mais aptos aos melhoramentos da especie humana; no que a erronea opinião do illustre autor do Espirito das Leis tem sido tão plenamente refutada.

Somos em fim chegados a uma das mais attenciosas, e elegantes linhas, que sahirão dos bicos da aparada penna do delicadissimo Sr. Compadre: Elegantes, e attenciosas linhas digo, em que o Senhor Compadre se dignou de honrar-nos (nem menos se devia esperar do seu animo elevado, e liberal!) muito além dos nossos fracos merecimentos. Só por ellas seria da nossa obrigação, erigir-mos-lhe uma estatua... aonde ficasse para sempre eternizada a sua veneranda memoria! Prepare a sua attenção, meu caro Amigo: tome tabaco: assôe-se: levante essas bastas sobranceiras; e limpe bem as cataractas dos olhos; que vai ler em letra redonda... Sabe o que? Será algum conto da Carochinha? Não, Senhor: Olhe que não são *Fabulas sonhadas*: he uma Proposição Philosophico-Economico-Politica. Finalmente não ha remedio: ei-la ahi vai: não se ria; não se ria, Senhor Sachristão, que o caso não he para graças: veja que não he me-

nes, do que isto: o Brasil está hoje reduzido a umas poucas de hordas de Negrinhos pescados na Costa d' Africa etc. De fórma que o Brasil (o sentido he claro) já noutro tempo foi habitado por Frances; mas hoje (por alguma emigração sem duvida, ou por alguma peste destruidora) *acha-se reduzido . . . a que? A algumas hordas de Negrinhos pescados na costa d' Africa.* Ora ahí está o que he fallar! E o que he fallar verdade! Segundo a idea do Senhor Compadre o *desgraçado* Brasil nada mais tem, do que hordas de Negrinhos! E toda a Real Familia, que aqui então se acha, va? E os empregados publicos? E huma multidão de Europeos aqui estabelecidos? E os seus descendentes o que serão? Hordas de negrinhos!

Eu creio que não pôde chegar a mais a insolencia, nem se pôde tratar mais ignobilmente tão preciosa porção da Monarquia. E cuidou q' Senhor Compadre que assim de um só golpe, ou de um só traço de penna desacreditava o Brasil. Como se engana! Só o autor de similhantes absurdos he que pode com elles ficar desacreditado. E que multidão de falsidades, e de calumnias encerradas em poucas regras! A isto he que se chama dizer muito em poucas palavras.

Contão que nessa antiguidade apresentára a um poderoso Monarcha certo Poetastro versos da sua lavra, aonde era o Principe, na fórma do costume, elevado ás estrellas; exigindo delle ao mesmo tempo a competente remuneração. Determinou o Soberano fosse o panegyrico lido na presença de pessoas intelligentes, e que attendendo-se á sua decisão recebesse o Cantor por cada verso bom uma boa somma de talentos, e por cada máo verso uma bofetada. Consentio o miseravel; e referem mais que fóra tal a affluencia dos máos versos, que o infeliz succumbio á violencia, e repetição dos golpes: ten o sido julgado um só digno da promettida recompensa. Applicando o conto: se por cada falsidade, e calumnia, que se contém na Cartinha do Senhor Compadre algu-

na mão caritativa lhe dêsse igual esportula, e a mesma remuneração por cada uma verdade, parece-me que no meio da operação o tínhamos bem pago do que nos fez, sem que recebesse nem ao menos uma vez, como o Poeta, o premio pacteado.

Continuemos com o conteúdo na sobredita, e vamos concluindo esta tarefa, amigo Sachristão, que já me enfastia tanto desproposito. Estavamos nós; se bem me lembra: não tem duvida; era isso mesmo: nos *Negrinhos pescados*. E o *pescados* he barro! *Negrinhos pescados*! O que he a força da expressão! Pois se o rapazinho não tivesse apparecido á luz com a sua Retribuição, eu da maneira, que podesse, havia de mostrar ao tal Senhor o quanto se engana á cerca dos seus *Negrinhos*. Porém, como talvez não acredite, senão aquillo, que ve: Ver, e crer; como S. Thomé: nesse caso não seria máo que aceitasse o convite, que he feito ao nosso amigo de vir acompanhando a sucia dos calcetas, que tão liberalmente nos queria enviar para povoarem estes Desertos da Arabia. Aqui viria então viver entre os Macacos, Pretos, e Serpentes, que não são indigna companhia, para tão conspicuo sujeito. Talvez qual outro Orpheo, ou Amphião com a doçura da sua meliflua eloquencia abrandasse os costumes dos seus honrados Collegas, e os reunisse em Villas, e Cidades. E ao menos sempre teriamos nós a doce satisfação de ver com os proprios olhos o nosso illustre Panegyrista, e dar-lhe de viva voz os sinceros agradecimentos.

Gabo-lhe a commiseração, que teve com os Jesuitas; pois vendo-os expulsos de quasi toda a Europa, e ainda da mesma Russia (apezar do que elle parece querer dar a entender) projecta offerecer-lhes na America um refugio, bem que seja em um paiz tão horroroso, que os mesmos *Negrinhos* a pezar de *pescados na Costa d' Africa não podem supportar por muito tempo os dardajantes raios da Zona abrazada*. (E como isto tudo he Poetico, e sublime!) Mas no alvitre dos *Calcetas*

*A Europa, e Meretrizes de Lisboa* he que se está vendendo a descoberto a fertil, e productora inventiva do nosso Compadre: Na verdade que feliz lembrança! Os Calcetas da Europa, e as Meretrizes de Lisboa. Só acho aqui alguma proporcao entre machos, e femeas: porém bagatela! bagatela! Tambem entre os Musulmanos he permittida a pluralidade de mulheres para um só homem; porque o não será a pluralidade de homens para uma só mulher? O sapientissimo author da *moção*, a quem tocava dirigir tão brilhante colonia, poderia reuni-los na provincia de Matto Grosso aos Coroatos, e Paris, que na sua menciona; e arrancarem alli das entranhas da terra os thesoiros nella escondidos, que não lhe havião de abrir pouco a vista.

Com tudo, meu grande amigo, custa a tomar em tom de mero gracejo o que não he senão una grande impudencia. Que dirião ao ler taes sandices o nosso Barros, ou o grande Padre Vieira se agora resuscitassem? O que dirião! Chorariao de lastima, vendo que he um Portuguez o que falla por similhante maneira! Vm. mesmo com toda a pachorra, que he propria do seu minucioso emprego; e dos seus largos annos; pois bem se lhe póde chamar sem injuria o Avô dos Sachristães, como quem já um tanto inclina para o chão a cabeça, (a pesar de não ser *Corcunda*; vade retro): com tudo isto digo, e aposto que não chegará a ler estes, e outros que taes artigos da mencionada Carta sem dar indicios certos da sua exaltada colera. Sim, Senhor Sachristão, parece-me que já o vejo todo engrilado, levantando-se do tamborete tão ligeiro, como qualquer nos seus 2, exclamar em termos claros, e frizantes: Não ha pacifaria similhante! Não póde haver maior borracheira!...

Mas socegue a sua ira: descance. tome folego; que vamos já sahir dos abrazados settões da terrida inhabitavel; e passamos n'um momento: sabe onde? Ao jardim das Hesperides! Aos Elisios! Ao Paraizo de Babil! Qual Paraizo?

He mais do que Paraizo. Que lindo quadro! Ah Senhor Compadre: Sunt quos curriculo pulverem Olympicum. Collegisse juvat. V. n. nasceo para as descripções: isso já he feito! Ha pouco traça-nos um desenho do Brasil, couza horrorosa! De mão de Mestre! E agora? He grande em todos os generos! Que bellezas! *O Edeu, que habitarão os nossos primeiros Paes, regado pelos quatro maiores rios do Mundo não era tão fértil, e delicioso, como a Patria dos antigos Lusos!* E logo depois *Banhado pelas agoas do Oceano, que o fazem communicavel com o mesmo Oceano, e com o Mediterraneo.* Que miseravel gallinácia! Fique porém em paz neste ponto o Senhor Compadre para que nao pareça que que- ro deslutar as excellencias de Portugal.

Para realçar os vivos traços do seu delicado pincel, torna elle a exhibir-nos uma nova paridade entre o Brasil, e Portugal: *entra a terra dos Macacos, dos Pretos, e das Serpente, e a terra de gente.* Concedo que Portugal seja terra de gente, e com effeito o he de muito boa gente, ainda que lá esteja o Senhor Compadre: e quanto á dos Macacos: Nao sei que ao Brazil sirva de dezar o produzir entre uma multidão de outros differentes annaes aquelle, que tanto na sua fórma, como nas suas qualidades mais com o homem se assemelha. *Terra de Macacos, de Pretos, e de Serpentes:* Com a mesma Logica, de que se servio o Senhor Compadre ser-me hia tambem facil appellidar Portugal terra de Lobos, de Gallegos, e de Rapozas; pois se entre nós existem Pretos, que nos servem; e nos nossos mattos os Macacos, e as Serpentes: tambem li servem os Gallegos, e vivem nos bosques os Lobos, e as Rapozas. He certo que, sendo o Brazil de immensa vastidão, e por falta de sufficiente numero de habitadores, em muitas partes inculto, e despovoado, deve necessariamente conter uma maior quantidade de animaes de todas as especies, e ignoro que daqui lhe resulte nenhum desdoiro, ou infamia.



Nada direi dos de mais pontos de comparação, que elle estabelece, que magnificamente refuzou o nosso rapaz: só não ficará em claro a audacia, com que elle se atreve a inculcar, ou dar a entender que os Brasileiros não amam o seu Monarca. Pois pode ficar certo o tal sapientissimo Senhor que os Brasileiros rivalizam com os seus irmãos da Europa em amor ao seu Rei, bem como na mais firme adhesão ao systema Constitucional.

Com effeito nada ha que redunde em maior elogio do povo Brasiliense, que o radiante júbilo, com que neste paiz foram recebidas logo as primeiras noticias de haver rompido na Europa Portugueza a bella Aurora da verdadeira Liberdade. Uns aos outros se abraçavam, e davam os Cidadãos mutuamente os parabens, transportados da mais patriótica alegria. E que direi do electrico enthusiasmo, com que nesta Cidade verdadeiramente Constitucional se fizeram as Eleições Parochiaes para a nomeação dos nossos Deputados no Augusto Congresso da Nação? Só quem as viu, só quem assistio a ellas poderá formar idéa da embriaguez dos arrebatamentos do mais ardente patriotismo. Todos parecião possuidos de uma agradável alienação, de um encantamento igual aquelle, que em phantasticos castellos nos pinhão os antigos Romancistas. Esquecia no meio do prazer a funebre lembrança dos erros, dos abusos, de que tanto tinhamos soffrido: parecia já completa a grande obra da nossa regeneração politica. E com tudo isto que socego, meu Amigo! Nenhum insulto: nenhum escandalo no meio de uma multidão reunida, que pela vez primeira gozava as doçuras da até ahí desconhecida liberdade. Eu fallio diante de milheiros de testemunhas, que todos estes factos presenciarão: este espirito ainda existe: o povo he ainda o mesmo!....

E he este o povo de Macacos? As hordas de Negrinhos? Ah! meu Amigo: que miseria! A Cidadãos dotados de sentimentos tão generosos, e sublimes he que se trata com similitanté indignidade!

Mas he gastar já muito com o tal Senhoz. Compadre, que menos mal ensinado fica por esta vez; e talvez lhe sirva daqui em diante de emenda, para senão metter n'outra, ao menos que seja tão calva. E agora, amigo Sachristão, estando proximo a concluir esta, que sahio mais longa, do que Vm, e eu dezejariamos, não posso deixar de lamentar a estulticie, ou a malicia, com que alguns irmãos nossos da Europa, regidos pelas mesmas leis, e pelo mesmo Monarcha, que nos regem; iguaes todos no anhelos, e esperança da mesma Constituição regeneradora, atação a cada passo sem nenhum justo fundamento não só o innocente paiz, aonde a tantos tem soprado a aura da prosperidade, mas ainda mesmo a seus honrados habitantes, de quem nenhuma mal receberão, soltando contra elles indignos sarcasmos, e improperios. Bem differentes nisto de um muito maior numero de seus compatriotas, que fazem sempre a davida justiça ao Brazil, e aos Brasileiros.

Desprezemos pois meia duzia de loucos, e de mal intencionados, e prosigamos sempre unidos com vinculos cada vez mais estreitos ao nosso bom Portugal, aonde devemos ter postas as mais lisongeiras esperanças, fitas as vistas no Augusto Congresso, de cujas sabias, e proyidentes leis he que deve emanar a nossa felicidade, e a ventura do nosso paiz. E basta, amigo Sachristão, que he muito abusar da sua paciencia. Deos o conserve com perfeita saude para amparo das suas veneraveis cans, que tanto o hão mister.

Sou Seu Criado e Amigo

*O Estudante Constitucional E.*

P. S. Como sei que he apaixonado de seu versinho, ahi lhe sujei a sua critica judiciosa o seguinte, que he fructo do meu exaltado patriotismo.

## SONETO.

**M**Inha Patria, oh Brazil! tua grandeza  
Per legoas mil immensa se dilata  
Do Amasonas caudoso ao rico Prata,  
Os dois irmãos sem par na redondeza:

De tuas serranias na aspereza,  
Na fechada extensão da intensa matta,  
No solo prenhe d'oiro se recata  
Tosca sim, mas sublime a Natureza:

Da antiga Europa os dons em ti derrama  
Junto dos mares a civil cultura,  
Que das Artes, e Industria os fructos ama:

Mil bens Divino Codigo te augura,  
Que aos lares teus a Liberdade chama:  
Náo; não tens que invejar maior ventura.



*Senhor Estudante Constitucional.*

**M**AL sabe a satisfação que tive ao ler esta na sua Carta escripta ao Sacristão de Carahi! Sim, Senhor, eu sou Europeo, amo muito a minha Patria; porém tambem amo muito a verdade, e a justiça; e por isso assim como não posso tolerar que se deprima o antigo Portugal, a Patria dos Castros, dos Albuquerque, e dos Nunos, tambem não posso tolerar que houvesse hum Portuguez Europeo de cabeça tão esturrada, o qual com a maior impolitica, e injustiça, e sem ser provocado, se lembrasse de querer deprimir o Brasil, e os Brasileiros; que se lembrasse de atizar huma certa rivalidade que desgraçadamente tem existido entre Brasileiros, e Europeos (rivalidade que só tem occupado estas imaginações, e que he tão mal entendida quanto he terrivel a discordia entre Pais, Filhos, e Irmãos) e isto quando pede o commum interesse que se trate de huma união fraterna, e indissolvel; de huma amizade a mais estreita, a mais pura, a mais inviolavel! Mas que hade ser, Senhor Estudante, se as almas baixas não se podem occupar se não de couzas vis, e ridiculas! Está pois entendido que essa lembrança, esse palavriado do Senhor Compadre de Lisboa não he filho de imparcialidade, e cordura; por tanto merece todo o desprezo. Os Homens pobres, Politicos, e de bom cizo abominão semelhantes loucuras, e só buscão, só anhelão essa união dos dois Hemispherios Portuguezes, para que formando ambos hum poderoso Imperio, sob hum Governo liberal, e justo venhão a ser felizes todos os seus habitantes. Eu sou Europeo, como já disse, vivo no Brasil ha vinte e cinco annos; couheço-o bem: se elle não esta

mais adiantado he porque o não quizerão; e quanto aos Brasileiros direi que tenho tido, e conservo amizade a muitos honrados, virtuosos, e instruidos; que de nenhum tenho a mais pequena offensa, e que de alguns tenho recebido obsequios, e particular estimação. Por isso achando injusto tudo quanto contra o Brasil inventou o tal Compadre de Lisboa, não posso deixar de louvar esta sua carta, na qual Vm., ampliando aquella justa Retribuição do Filho do Compadre do Rio de Janeiro, sem abater Portugal, (porque o não merece) com muita verdade, e elegancia defende, e abona o seu Paiz, digno, sem duvida, de toda a contemplação.

Seu Amigo, e admirador.

*Hum Portuense imparcial.*

